

A PRESERVAÇÃO DAS FACES EM *O FIDALGO APRENDIZ*

Sabrina Lima Souza
saguibr@gmail.com ou saguibr@terra.com.br

INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

Este trabalho objetiva analisar as estratégias de polidez encontradas na peça de teatro *O fidalgo Aprendiz*, dando ênfase às estratégias utilizadas com *Vossa Mercê* e variantes. Deseja-se observar, principalmente, como é feita a preservação das faces entre os personagens da peça, dando ênfase ao personagem principal da peça (o fidalgo D. Gil).

CORPUS

O corpus deste trabalho é composto por um entremês português intitulado *O fidalgo aprendiz*. Nesta peça portuguesa conta-se a história de um burguês (Dom Gil) que está tendo aulas para aprender os bons modos da fidalguia. Muito ingênuo, o fidalgo acredita em seus amigos (Dom Beltrão, Isabel e Britez) e em seu fiel empregado (Dom Afonso), mas, na verdade, estes quatro últimos na verdade quem roubar o ingênuo burguês e para tanto montam uma armadilha com o objetivo de roubar a fortuna do fidalgo aprendiz. E conseguem. Na noite em que Dom Gil iria raptar a sua amada (Britez), Dom Beltrão, Dom Afonso e Isabel armam um flagrante de roubo para Dom Gil, e disfarçados de autoridades dois dos malfeitores dão ordem de prisão para o fidalgo, alcançando, desta maneira, o objetivo do grupo.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS – METODOLÓGICOS

Neste trabalho parte-se dos pressupostos teóricos propostos na teoria da polidez de Brown e Levinson (1987).

Esta teoria da se baseia no conceito de *face*, que é utilizada em sentido metafórico, referindo-se a personalidade do homem como membro individual da sociedade da qual faz parte. Assim sendo, a

imagem deste homem é construída por dois fatores que se complementam: a *face positiva* e a *face negativa*. A primeira seria composta pelos desejos positivos que o indivíduo busca para si próprio (a imagem positiva que o indivíduo tem de si e que espera que seja reconhecida e reforçada pelos outros), o conjunto das imagens valorizadas de si mesmos que os interlocutores constroem e tentam impor na interação. A segunda seria composta pelos desejos que o indivíduo tem de que seus atos não sejam impedidos pelos outros, seria o conjunto dos territórios do 'eu' (território corporal, espacial, temporal, bens materiais ou simbólicos). Assim sendo, temos dois tipos de polidez: (i) a polidez positiva ligada à aprovação e afiliação dos atos praticados; (ii) polidez negativa relacionada à autonomia e território. Para estes autores, todos os atos que um falante realiza tendem a ameaçar a uma das faces de seu interlocutor e, de maneira geral, os participantes de uma interação sempre procuraram defender a sua própria face e a de seu interlocutor, ou seja, os falantes estão sempre em busca da preservação das faces, e evitando um Ato de Ameaça à Face (AAF).

Além de realizar análises qualitativas realizar-se-á também análises quantitativamente dos dados da peça que compõe o *corpus* e para tanto se utilizou, após a codificação dos dados, o programa varbrul.

AMOSTRA DO ENTREMÊS

Levantaram-se as estratégias nominais e pronominais que apareceram na peça portuguesa *O Fidalgo Aprendiz*. Neste *corpus* encontrou-se um número razoável de estratégias nominais de tratamento (como *senhor*, *expressões carinhosas*, *mestre*, *títulos de ocupação*, entre outras), mas não encontramos nenhum dado de *você*. Foram encontrados três dados de *Vossa Mercê* e um de *Vossancê* que serão todos analisados qualitativamente mais adiante.

O predomínio das formas pronominais

Verificou-se na análise dos dados que as estratégias pronominais de tratamento predominantes foram as formas *tu* e *vós*. Como se verifica nas tabelas a seguir.

Fórmulas de tratamento		
	Tu	Vós
pronominal	9	74
verbal - não imperativo	7	108
verbal - imperativo	6	86
Total	22	268

Tabela 1- Formas pronominais de tratamento

Relação de poder		
	Tu	Vós
superior- inferior	18	95
inferior-superior	0	64
igualitário	4	107

Tabela II- Relação de poder

Solidariedade		
	Tu	Vós
mais solidário	13	67
menos solidário	9	199

Tabela III- Relação de solidariedade

Relação de afeto		
	Tu	Vós
mais afeto	11	28
conflito	7	53
imparcialidade	3	185
ironia	1	0

Tabela IV

Natureza da relação		
	Tu	Vós
interpessoal	15	99
transacional	7	167

Tabela V

Segundo Cintra (1972) que no século XVII a forma pronominal relacionada à intimidade era o *tu* e que o *vós* era uma forma de polidez (cortesia). Assim sendo, é na

Como se observa nas tabelas acima o *vós* era a forma pronominal de tratamento mais utilizada (com um total de 268 ocorrências) expresso por desinências verbais da segunda pessoa do plural e ocorria predominante em relações igualitárias, menos solidárias, imparciais e transacionais. Lembrando que a história se passa em meio urbano e que conta como Isabel, Britez, Dom Afonso e Dom Beltrão roubaram o dinheiro do burguês que pretendia tornar-se fidalgo (Dom Gil). Primeiro, os impostores conquistaram a confiança de Dom Gil, passando-se por pessoas confiáveis, para as quais o fidalgo poderia dar credibilidade. Daí, o tratamento mais respeitoso expresso pela forma de segunda pessoa do plural. Como o objetivo de Isabel, D. Beltrão e Affonso era roubar o fidalgo estes fingiam que eram pessoas confiáveis e dissimulavam respeito pelo fidalgo tratando-o por *vós*. Como os três malfeitores não queriam que D. Gil Cogominho desconfiasse do plano que tramavam, eles se tratavam mutuamente utilizando a forma de segunda pessoa do plural também entre eles já que D. Gil não poderia desconfiar que os três se conhecessem e que inclusive eram cúmplices. Pode-se dizer que *vós* predominava em relações transacionais, ou seja, relações que possuem um objeto de negociação concreto, pois tanto os falsos amigos do D. Gil como os professores destes estavam durante todo o tempo *negociando* com o fidalgo alguma coisa: a falsa amizade ou o emprego. Além disso, percebe-se que *vós* predominava em relações igualitárias de poder, uma vez que a maioria dos diálogos ocorria entre os malfeitores e este se tratavam desta maneira. No entanto, observa-se que se utilizava

vós também no trato de superior-inferior e de inferior-superior, pois tanto D. Gil tratava seus empregados quanto recebia *vós* destes.

Além disso, o *vós* era utilizado em relações interpessoais e de afeto isso porque Britez o utilizava para sua mãe. Como se sabe o *vós* era o tratamento de respeito, logo se pode dizer que Britez o utilizava para sua mãe com o objetivo de não realizar AAF da matriarca.

Também observando as tabelas acima se percebe que o *vós* predomina em relações igualitárias, mas também ocorre em relações de superior para inferior (Dom Gil trata seu empregado Dom Afonso por *vós* e recebe *vós*) e de inferior para superior (como na relação entre mãe e filha na qual a filha trata sua mãe por *vós*). Pode-se dizer que isso ocorria porque o *vós* era a forma de tratamento pronominal que marcava distanciamento e falta de intimidade e, como se observa na peça, os personagens não demonstram muita intimidade entre si. Pode-se dizer que apenas Britez mantinha uma relação mais íntima com sua mãe, no entanto utilizava o *vós* para o trato para com ela para marcar deferência.

Desta forma, pode-se dizer que *vós* era a forma que ajudava preservação das faces na peça, uma vez que era a forma aparentemente era neutra, ou seja, que não realizava, por si só, atos de ameaça à face dos interlocutores.

A utilização das formas nominais

Foram muitos os casos em que apareceram formas nominais de tratamento, mas foram raros casos de *Vossa Mercê* nesta amostra, por isso, realizar-se-á uma análise qualitativa de cada ocorrência de *Vossa Mercê* e variantes, apresentando os contextos em que estas ocorreram.

Segundo Cintra (1972), no período em que este entremês foi escrito as formas *Vossa Mercê* e variantes estavam em decadência e não eram mais aceitas pelos fidalgos da época, assim sendo, observa-se no decorrer d'*O fidalgo aprendiz* que D. Gil almejava ser tratado por *Vossa Senhoria* e não por *Vossa Mercê* e muito menos por suas variantes.

Logo, pode-se dizer que a forma *Vossa Mercê* não contribuía para a manutenção das faces quando utilizada de inferior para superior, pois o uso desta forma realizava um AAF dos interlocutores, já que o seu uso não confirmava os desejos de face do ouvinte.

Também foram encontradas no corpus ocorrências de formas carinhosas (como *minha estrela*, *dama de grão primor*) e xingamento (como *embusteiro* e *formigueiro*). Lembrando que as formas carinhosas contribuem para a preservação das faces enquanto que os xingamentos e formas ofensivas contribuem para a perda da face do ouvinte e do falante.

ANÁLISES DE EXEMPLOS

Vejamos os exemplos a seguir:

EXEMPLO 1

Afonso - Senhor!

Gil - Se chamará o confessor tinha jeito de não vir.

Afonso - Que *manda Vossa Mercê?*

Gil - Que *tenhais* mais cortesia

Afonso - Que *mandais?*

Gil - A *senhoria* não sei para quando he

Afonso - Basta que tomou teiró de querer mais do que he seu?!

Este primeiro exemplo aconteceu quando Dom Gil estava cumprimentando seus empregados e seu criado Dom Affonso o interrompeu. Observa-se nesta passagem da peça que ocorreu uma mudança de estratégia de tratamento (de *Vossa Mercê a vós*). Segundo Cintra (1972) a forma *Vossa Mercê* neste período já estava em decadência, logo não era bem aceita por pessoas da nobreza. Como se observa no EXEMPLO 1, Gil não gosta de ser tratado por *Vossa mercê* e reclama um tratamento mais respeitoso para consigo por parte de seu criado. Affonso, por sua vez, muda a forma como trata seu patrão para *vós* e Gil então indica que gostaria de ser tratado por *Vossa Senhoria* na frase seguinte.

Pode-se dizer que Affonso ao tratar Gil por *Vossa Mercê* está realizando um AAF positiva de seu patrão, pois não está reconhecendo-o como ele gostaria, ou seja, não está reconhecendo em Gil a imagem de fidalgo que ele deseja. Logo, neste exemplo não está ocorrendo a preservação das faces dos interlocutores.

No próximo exemplo encontrou-se uma variante da forma *Vossa Mercê*, a forma *Vossancê*. Esta forma parte do professor de esgrima para o fidalgo, quando o primeiro chega à casa do fidalgo para dar-lhe aulas.

EXEMPLO 2

Mestre - Guarde Deos a *Vossancê*. *Gil* - O'Aio, pois isto he o que eu vos disse inda agora?

Affonso - Pois, se ele termo não tem, que importa que falle assim?

Gil - Vem-me elle ensinar a mim?

Pois ensinai-o também.

Verifica-se que a forma *Vossancê* ocorreu em uma relação transacional de inferior para superior. Observa-se que a relação estabelecida entre os dois interlocutores é pouco solidária e que existe um objeto de negociação bem marcado (o mestre de esgrima deve dar aulas ao fidalgo e o fidalgo deve aprender a utilizar a espada). Os dois personagens não tinham nenhuma experiência compartilhada antes desta interação.

É importante destacar a forma *Vossancê* no *corpus*, uma vez que esta marca uma estrutura nominal que, provavelmente, sofreu erosão fonética.

Vossancê é uma forma já cristalizada, que ocorre em uma saudação. Através da reação do fidalgo após receber *Vossancê* de seu professor percebe-se que o mesmo não gostou de ser tratado desta maneira (o fidalgo reclamou dos modos do professor com seu empregado), o que evidencia que neste *corpus* essa forma marca a diminuição do distanciamento entre os interlocutores e é considerada pelo fidalgo como descortês. Além disso, pode-se dizer que não ocorre a preservação das faces dos interlocutores, uma vez que o professor de esgrima faz um AAF positiva de Gil ao não reconhecer que dita forma não era a melhor forma de tratamento a ser adotada para tratar o aprendiz de fidalgo, não reconhecendo, desta forma, a imagem de fidalgo que Gil tanto reivindica para si.

No EXEMPLO 3 ocorre o oposto do que ocorre nos exemplos anteriores. Neste observa-se que Gil recebe finalmente o tratamento que esperava, reforçando desta maneira sua face positiva.

Pode-se dizer que o poeta ao utilizar a forma *Vossa Senhoria* para tratar o fidalgo está preservando sua face e a de seu interlocutor, pois está reconhecendo em Gil a imagem que este deseja e assim evi-

ta repreensão por parte do fidalgo e garante uma boa relação com este na continuação da interação.

EXEMPLO 3

Poeta: O claro humor de Pyrene

Em dipluvios frafrantes candidize,
Borde, esmalte, retoque, aromatize.

Gil: Aio! Este homem vem perene!

Poeta: A graça, a gentileza, a fidalguia,
O grão valor, o literário estudo,
De *vossa senhoria!*...

Gil: Vedes, Aio?... todavia
Bem disse eu que era sesudo!...

No EXEMPLO 4 observamos como as formas de tratamento são utilizadas em uma situação de conflito.

EXEMPLO 4

Gil - Fallai embora de boca mas deixai estar as mãos!...

Beltrão - Que dizeis vós, **formigueiro?**

Gil - Senhor Alcaide ou que he... **Escute vossa mercê!**...

Affonso-Inda fallais, **embusteiro?** Estes são os mais daninhos

Gil - O' **molher do inferno**, toda nacida para por nada no sangue dos cogominhos...

Isabel- Meu senhor Almocacel,

Tudo são desculpas froxas. Requeiro que veja as troxas!...

Neste exemplo verifica-se um diálogo entre Gil (o fidalgo aprendiz), Beltrão, Affonso e Isabel (que são os 3 golpistas). Trata-se do momento final da peça, no qual os golpistas roubam o fidalgo. Percebe-se, neste trecho, a grande utilização de formas nominais como *formigueiro*, *embusteiro*, *molher do inferno* e *vossa mercê*. Estas formas estão sendo utilizadas em uma situação de conflito e os personagens Affonso e Beltrão não temem realizar AAF devido a sua posição como autoridades, detentores da lei, uma vez que eles estão vestidos como se fossem policiais. Assim sendo, os dois malfeitores utilizam formas ofensivas para tratar ao fidalgo D. Gil. Este, por sua vez, tenta escapar do falso flagrante e tenta se explicar e, para tanto utiliza a forma de tratamento *vossa mercê* para tratar as falsas autoridades, mas esta forma não surge efeito e os malfeitores não o deixam falar. Isabel também não tem medo de perder sua face e de realizar AAF de Gil porque está fingindo que é vítima do fidalgo e por isso o acusa, provocando assim um AAF de Gil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tem o intuito de apresentar apenas dados preliminares com base em uma amostra composta por uma peça de teatro de costumes.

De forma geral, é importante sinalar que se considerou que nenhuma forma tem em si um valor mais ou menos polido ou solidário e que para analisar cada forma foi necessário verificar o contexto sócio-pragmático de enunciação em que cada forma de tratamento ocorreu.

Confirmou-se, ao longo deste trabalho, a afirmação de Cintra (1972) de existia a “Preocupação de muitos, antes de mais nada, em não serem tratados por *Vossa mercê* e muito menos por uma das formas fonéticas decadentes *vossancê* ou *ocê*”. Logo, pode-se dizer que o burguês, aprendiz de fidalgo, D. Gil, enquadrava-se neste grupo dos que não queria ser tratado por *Vossa Mercê* e variantes. Já a forma *Vossa Senhoria* tem mais prestígio e marcava distanciamento social e por isso era a forma desejada pelo aprendiz de fidalgo. Assim sendo, é possível afirmar que esta última contribuiu para a preservação das faces dos interlocutores, ao contrário da primeira que sinaliza falta de respeito e desprestígio.

Quanto às formas pronominais, verificou-se que são produtivas neste *corpus* e também se constatou que a forma de segunda pessoa do plural (*vós*) é produtiva tanto em relações transacionais como interpessoais, sendo mais freqüente na primeira. O *tu*, por sua vez, ocorre tanto em relações íntimas como transacionais mais ou menos solidárias, mas predomina na relação entre filha e mãe, mostrando que quando utilizada por quem tem mais poder esta forma não implica em um ato de ameaça à face.

A partir dos dados apresentados, verificou-se que, de maneira geral, as formas de tratamento pronominais do *corpus* apresentado contribuem para a preservação das faces. Enquanto que as nominais utilizadas no *corpus* podem favorecer a manutenção das faces ou realizar AAF dos interlocutores.

BIBLIOGRAFIA

- BRAVO, Diana e BRIZ, Antonio (eds.) *Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso y cortesía en español*. Barcelona: Ariel Lingüística, 2004.
- BROWN, Roger e ALBERT, Gilman. The pronouns of power and solidarity. Em SEBEOK, Thomas (ed.), *Style in language*. Cambridge: MIT Press, 1960.
- BROWN, P. & LEVINSON, S. *Politeness: Some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- CARRICABURRO, Norma. *Las fórmulas de tratamiento en el español actual*. Madrid: Arco Libros, 1997.
- CINTRA, Luís F. Lindley. *Sobre "formas de tratamento" na Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1972.
- COUTO, Letícia Rebollo. *Formas de tratamento y cortesía en el mundo hispánico*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
- COUTO, Letícia Rebollo e LOPES, Célia Regina. *Como as pessoas se tratam no cinema latini-americano: análise das formas de tratamento em roteiros de três países*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
- EELLEN, G. *A critique of politeness theories*. Manchester: Jerome Publishing, 2001.
- FONTANELLA DE WEIBERG, Maria Beatriz. La constitución Del paradigma pronominal Del voseo. *THESAURUS XXXII*, nº 2, 1997.
- LAPESA, Rafael. *Estudios de morfosintaxis histórica del español*. Madrid: Gredos, 2000, tomos 1 e 2.
- LOPES, Célia Regina. Vossa Mercê > você e Vuestra Merced > Usted: o percurso evolutivo iérico. **In:** *ALFAL. Revista Lingüística*, 14. São Paulo, 2002.
- MELO, D. Francisco Manuel. O fidalgo aprendiz. **In:** LIMA, Augusto C. Pires. *Coleção Portugal*, nº 29. Porto: Editorial Domingos Barreira, 1987.
- VIDAL, M. Victoria Escandell. Cortesía, fórmulas convencionales y estrategias indirectas. **In:** *Revista Español de Lingüística*, 25,1, 1995.
- ROBBINS, Stephen P. *Comportamento Organizacional*. São Paulo: Prentice Hall, 2002.